

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ROBERT BEAVERS, O CINEMA COMO REVELAÇÃO – PROGRAMA 6
28 de Março de 2026

THE HEDGE THEATER / 1986-90/2002

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Robert Beavers / Com: Robert Beavers, Gregory Markopoulos / Itália, 1986-90/2002 / Filmado em Roma (Brescia) / Cópia: de Robert Beavers, em 35mm (suporte original em 16mm), cor, som, sem diálogos / Duração: 19 minutos / Primeira apresentação pública: London Film Festival, National Film Theatre, 17 de Novembro de 2002 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

THE STOAS / 1991-97

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Robert Beavers / Com: Robert Beavers / Grécia, 1991-97 / Filmado na Grécia (Atenas, Gortynia) / Cópia: de Robert Beavers, em 35mm (suporte original em 16mm), cor, som, sem diálogos / Duração: 22 minutos / Primeira apresentação pública: International Film Festival Rotterdam, 5 de Fevereiro de 1999 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 11 de Dezembro de 2007, Festival Temps D'Images.

THE GROUND / 1993-2001

Realização, Imagem, Montagem, Produção: Robert Beavers / Com: Robert Beavers / Grécia, 1993-2001 / Filmado na Grécia (Ilha de Hydra) / Cópia: de Robert Beavers, em 35mm (suporte original em 16mm), cor, som, sem diálogos / Duração: 20 minutos / Primeira apresentação pública: International Film Festival Rotterdam, 30 de Janeiro de 2001 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de ROBERT BEAVERS

Duração total da projecção: 61 minutos.

Nesta última sessão deste programa dedicado ao cinema de Robert Beavers mostramos filmes que percorrem um arco temporal de cerca de quinze anos, tendo as imagens mais antigas neles contidas sido filmadas em 1986 para **The Hedge Theater**, e este remontado em 2001, datando o início de **The Stoas** e **The Ground** dos anos noventa. É mais uma sessão que acompanha assim um método de criação que implica com muita frequência um retorno às mesmas imagens e a filmes anteriores, para os retrabalhar em múltiplas versões. Os três foram rodados em 16mm, com uma câmara Bolex, como toda a obra de Beavers, e foram posteriormente ampliados para as excelentes cópias em 35mm, que aqui podemos ver. Beavers assegura, como de costume, todas as funções no filme, num cinema muito físico e materialista – no sentido da atenção aos materiais com que se filma, mas também à “matéria” filmada –, à medida do seu olhar, do seu corpo e da sua mão. **The Hedge Theater** marca ainda a conclusão do ciclo “My Hand Outstretched to the Winged Distance and Sightless Measure”, que contém as versões remontadas de filmes anteriores do cineasta, que com os anos conquistam novas propriedades, apontando também para novas direcções. **The Hedge Theater** foi filmado em Roma e inspira-se na arquitetura barroca de Francesco Borromini, na pintura, e num bosque de árvores com gaiolas vazias, para estabelecer analogias entre a luz de Inverno e uma paisagem verdejante. O próprio Beavers o descreveu: "Alguns anos depois de filmar **AMOR**, regressei a Itália e encontrei a fonte para um novo filme na arquitetura de Borromini e num bosque de árvores com gaiolas de

pássaros vazias. (Um bosque de árvores, um rocolo, onde os caçadores colocavam gaiolas com isco, chamadas richiami, cujo canto atraía outros pássaros.) Os espaços luminosos destas cúpulas, a costura de uma casa de botão e a caça invisível aos pássaros são todos elementos do diálogo contínuo de **The Hedge Theatre**." Este diálogo entre a costura e o gesto de filmar já estava muito presente em **AMOR**, em que a tesoura que corta um tecido rima com a tesoura com que as mãos do cineasta cortam as tiras de película, e o gesto de coser manualmente surge já como uma alusão ao carácter delicado e poético de uma montagem atenta ao detalhe e ao pormenor, à medida da mão de quem a faz. Na montagem sincopada de **The Hedge Theater** reencontramos os habituais movimentos bruscos na imagem que resultam de uma troca de objectivas na câmara, mas também movimentos que percorrem uma fachada em vários sentidos, que impregnam séries de planos muito curtos, que reaparecem continuamente. Oscilamos entre motivos heterogéneos que obedecem a uma estrutura bem definida: as colunas, as árvores, mãos a coser num espaço interior, novamente as colunas, as árvores ou o rosto e a câmara de Beavers, que a dada altura aparece no plano. Elementos organizados em frases, numa montagem associativa conotada com uma aproximação táctil ao material filmado, que culmina numa certa abstracção.

Em **The Stoas** um plano recorrente das mãos do cineasta contrasta com imagens de galerias desertas em Atenas ao amanhecer, e com as águas de um rio, num diálogo de formas e cores. Ed Halter, num artigo que escreveu no *New York Press*, explicita o significado do seu título: "refere-se às colunatas que conduziam aos bosques sombrios do antigo Liceu, aqui recordados em imagens de galerias industriais, banhadas pela luz dourada da manhã, tão silenciosamente desprovidas de figuras humanas como as fotografias de Atget. O resto do filme apresenta belas imagens de um riacho arborizado e de um vale enevoadado, retratados com a composição cuidada da pintura de paisagem do século XIX. Uma imanência inefável e indizível perpassa as imagens de **The Stoas** uma espécie de presença da alma humana expressa através da ausência da figura humana." Se o elemento humano está quase sempre ausente, a presença das mãos do cineasta nas imagens, motivo recorrente em toda a sua obra, aqui como que medindo um intervalo no espaço, evoca a qualidade sensível e escultórica do seu cinema, abrindo a via da metáfora. A planos de um mercado vazio sucedem-se imagens do mundo natural, em que a água de um rio tem uma presença crucial, num filme construído em dois andamentos.

The Ground parte da paisagem da ilha grega de Hydra, do azul do mar e do trabalho da pedra, que é aproximado às ruínas de uma antiga construção. Beavers, melhor do que ninguém, encontra as palavras certas para o descrever: "O que habita no espaço entre as pedras, o espaço entre a minha mão e o meu peito? Cineasta/pedreiro. Uma torre ou ruína de recordação. A cada golpe de martelo, corto a imagem e o som emerge do cinzel. Um ritmo, marcado pela repetição e animado pela variação; golpes de martelo e punho, ressoando em diálogo. Neste espaço criado pelo filme, o vazio ganha um contorno suficientemente forte para que o espectador veja mais do que a imagem – um espaço que permite a visão para além da contemplação." As ruínas e as pedras como uma metáfora, mas também o vazio. As texturas rochosas de uma paisagem, as nuvens que se formam no ar, a pele, o mar, equivalências resultantes de um diálogo constante, imagens e sons que conquistam novas qualidades poéticas quando postas em relação. Cineasta, pedreiro, escultor... Sempre a repetição com as suas variações, a exploração do silêncio e do vazio como possibilidade para um outro cinema, cuja qualidade escultórica é enfatizada aqui, como em nenhum outro filme. Jonas Mekas definiu claramente as propriedades deste cinema: "A linguagem cinematográfica de Robert Beavers aproxima-se curiosamente das qualidades cristalinas das pedras e dos minerais – nas formas, tons, sentimentos e qualidade. É uma fusão única da realidade concreta e viva com as realidades abstratas e geométricas, e com a luz."